

23 DE NOVEMBRO

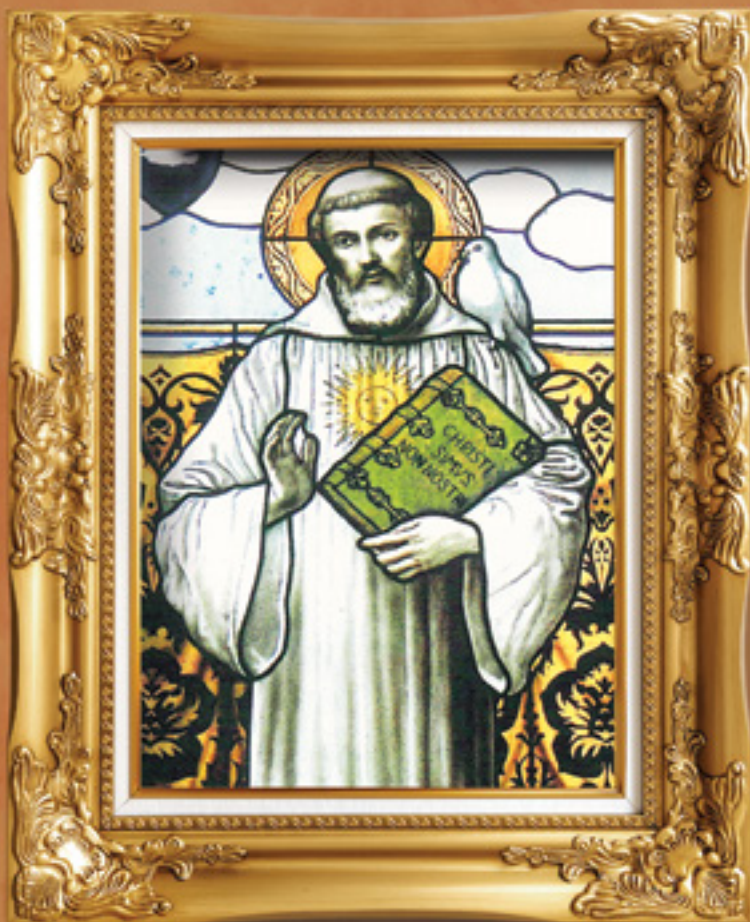


Imagem: Desconhecido / Wikipedia

SÃO COLUMBANO

ABADE (543-615)

“**P**recisamos passar pela estrada real para a cidade de Deus por meio da aflição da carne e da contrição do coração, com a dura fadiga do corpo e a humilhação do espírito (...); se te distancias da batalha, também te distancias da coroa.”

Columbano ficou famoso pela severidade da sua ascese, embora poucos conheçam o seu ânimo delicado de poeta. Assim ele descreve uma viagem sua de barco descendo

o rio Moselle para subir ao longo do Reno: “É belo entre os bosques cortar com a quilha a correnteza do Reno, deslizando docemente sobre as ondas. Povo meu, ouve-se o eco de cada grito. Levanta-se o vento, virá terrível a chuva, mas a força do homem domina a tempestade”.

A PALAVRA DA SANTA RECLUSA

Columbano nasceu na Irlanda, na província de Leinster, filho único de uma família rica que não teve necessidade de enviá-lo à escola do mosteiro, podendo oferecer-lhe excelentes mestres em casa. É compreensível que o mantivessem no lar, sonhando para ele uma vida feliz e uma bela descendência.

Entretanto, ao chegar à adolescência, gostava de dirigir o olhar para além das quatro paredes da nobre casa paterna, buscando horizontes mais amplos. Um dia foi aconselhar-se com uma reclusa famosa por sua santidade. Perguntou-lhe o que deveria fazer da sua vida. A mulher, fitando o jovem de coração puro e físico forte, com o gesto decidido dos profetas, não hesitou: intimou-o a deixar tudo e dirigir-se ao mosteiro mais próximo.

Columbano, sem se comover diante das lágrimas da mãe, despediu-se dos pais e mestres, colocando-se sob a orientação firme do Abade Sinell, do mosteiro de Clain-Inis.

Em casa, havia estudado com interesse não só a Bíblia, mas também os sábios e poetas pagãos – Sêneca, Virgílio, Ovídio, Lucano, Juvenal – e os poetas cristãos dos primeiros séculos, tendo alcançado sucesso em composições poéticas. No entanto, seu coração estava totalmente tomado pela observância monástica irlandesa, que não deixava espaço ao homem

velho. No estudo da Sagrada Escritura e na leitura dos padres, alimento quotidiano do monge, descobria dimensões novas e insuspeitadas.

A santa reclusa dissera-lhe para fugir do mundo e ele o fez, mas, permanecendo ainda na sua terra e pertencendo à nobreza, parentes e amigos vinham visitá-lo com frequência, o que não o ajudava a romper com o antigo ambiente. Pediu então transferência para o norte, ao mosteiro de Bangor, sob a austera direção do Abade Comgalló.

Foi uma escolha feliz: a sintonia entre ambos era perfeita. O jovem Columbano compartilhava plenamente as diretrizes do abade e praticava com fervor a severa disciplina de Bangor. Sua inteligência livre impressionava o abade, que logo o promoveu a mestre dos noviços e pensava tê-lo, um dia, como sucessor.

A PAIXÃO DO MISSIONÁRIO

Esse desígnio, porém, não se concretizou. Columbano foi tomado pela febre missionária que, naquele tempo, ardia nos monges irlandeses: o desejo de evangelizar o continente europeu, mergulhado na barbárie e no paganismo após as invasões dos povos do norte e do leste.

A Irlanda havia sido poupada desse flagelo e conservara, em seus mosteiros, tanto a pureza da fé quanto a herança da civilização cristã trazida por São Patrício. Columbano convenceu o abade a deixá-lo partir com doze monges – um novo “colégio apostólico” – para reevangelizar a Europa.

Após passarem pela Cornualha, desembarcaram na Gália por volta de 588-590. Apresentaram-se ao rei Gontrano, da Borgonha, a quem Columbano expôs seu plano: levar o Evangelho aos pagãos e construir um mosteiro entre eles, pedindo apenas um pedaço de terra inculta e liberdade para viver sem interferências.

O rei concedeu o pedido e logo começaram o trabalho. Cortaram árvores, reconstruíram muralhas e tetos, abriram portas e janelas. Antes do inverno, tinham já abrigo, lenha e uma igreja para orar.

O inverno foi rigoroso e as provisões, escassas. Na primavera, prepararam o solo e semearam. Um bispo local enviou víveres, comovido pela pobreza deles. Columbano agradeceu, mas advertiu o bispo para não interferir na vida interna do mosteiro.

O ÉDEN NA FLORESTA

Quando a jovem congregação se afirmava e contava entre seus membros também pessoas ilustres, desencadeou-se a perseguição. Alguns clérigos laxistas e outros leigos que detinham o poder político na cidade, sentindo-se ameaçados pela obra de reforma e pela ascendência que o santo conquistava junto ao povo, coligaram-se contra Leonardi. Decla-

raram-lhe a guerra mais despiada, chegando até mesmo a privar não somente ele, mas também sua comunidade, do reabastecimento de víveres e forçando-o a pedir esmola.

Mesmo constrangido a deslocar-se para uma igreja menos central, Leonardi não se rendeu, também porque gozava do apoio do bispo que, nesse meio tempo, aprovava a jovem congregação. Encorajado por esse decreto diocesano, dirigiu-se imediatamente a Roma para obter a aprovação pontifícia.

Os adversários, aproveitando-se de sua ausência, obtiveram dois sucessos contra ele: mediante um decreto, os magnatas da cidade o baniram *in perpetuo* de Lucca como perturbador da ordem pública e, além disso, algumas más línguas conseguiram semear a divisão não só entre os fiéis, mas na própria comunidade do santo.

Leonardi não se surpreendeu com a sentença injusta dos juízes de Lucca, aos quais pediu em vão que provassem as acusações contra ele, mas sentiu-se profundamente magoado pela ferida causada à nascente congregação pela infidelidade de alguns de seus filhos, uma ferida que por diversas vezes procurou curar com imensa caridade, porém, sem sucesso.●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO,
de Enrico Pepe, publicado
pela Editora Ave-Maria.